

CAMINHOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA.

Jaciguara Queiroz Pastana de Oliveira ¹

Nayara Sá Cavalcante²

Flavia Caroline Maciel Conceição ³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar os desafios e as possibilidades da formação inicial e continuada de professores no contexto da alfabetização, a partir das perspectivas teóricas e empíricas apresentadas nas fontes consultadas. O foco central é explorar e discutir os aspectos desafiadores e os potenciais contribuições da formação de professores, tanto no início de suas carreiras quanto ao longo de sua trajetória profissional, especificamente no que se refere ao processo de alfabetização no Brasil. A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico, fundamentada em referenciais teóricos que abordam a formação docente, a alfabetização e as políticas educacionais. A análise perpassa pelos desafios e possibilidades da formação docente para a alfabetização. Os resultados indicam que, apesar dos avanços nas diretrizes formativas, persistem desafios na preparação dos professores, especialmente no que tange à relação entre teoria e prática – destacada como uma dicotomia persistente que pode gerar formação superficial – e às condições de trabalho. A análise aponta que professores bem formados possuem maior domínio do objeto de ensino, identificam hipóteses dos alunos sobre a escrita e planejam intervenções didáticas adequadas, promovendo a alfabetização e o letramento para o desenvolvimento de cidadãos críticos. Conclui-se pela necessidade de reformulação e fortalecimento das políticas de formação docente para garantir um ensino de qualidade.

Palavras-chave: Alfabetização; Formação inicial e continuada; Práticas pedagógicas; Desafios; Professor alfabetizador.

Introdução

A formação de professores para a alfabetização no Brasil é um tema central na educação, impactando diretamente a qualidade do ensino e a aprendizagem de crianças, jovens e adultos (Pagnan, 2016). Nesse contexto, a alfabetização se configura como um dos maiores desafios da educação básica, exigindo docentes qualificados para superar as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem. Assim, a formação inicial e continuada assume papel fundamental na capacitação profissional, influenciando a

¹ Doutoranda em Ensino pela Universidade Vale do Taquari-UNIVATES-RS, jaciqp@gmail.com;

² Graduada em Pedagogia, Especialista em Educação, Graduanda em Direito pela Faculdade Estácio de Macapá-SEAMA nayara.ap@hotmail.com;

³ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Amapá- UNIFAP-AP, f.caroline.maciel@gmail.com;



qualidade da alfabetização.

Compreender os desafios e possibilidades dessa formação é essencial para aprimorar as práticas pedagógicas e garantir o direito à educação. Diante disso, este artigo propõe uma análise crítica do tema, fundamentada na literatura consultada. A questão norteadora é: “Quais são os desafios e possibilidades na formação inicial e continuada de professores para a alfabetização no Brasil?”. O objetivo principal deste trabalho é, portanto, analisar os desafios e as possibilidades da formação inicial e continuada de professores no contexto da alfabetização, a partir das perspectivas teóricas e empíricas apresentadas nas fontes consultadas. Também busca-se investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores no ensino da alfabetização; discutir o papel da formação inicial na preparação docente; e identificar o impacto da formação continuada na qualificação profissional e nas práticas pedagógicas.

O texto estrutura-se em uma fundamentação teórica sobre a relação entre formação docente e alfabetização, seguida da análise dos resultados e discussão. As considerações finais sintetizam as principais reflexões e, ao fim, apresenta-se o referencial teórico que embasou o estudo. Espera-se contribuir para ampliar o conhecimento sobre a formação docente e fomentar reflexões sobre a experiência formativa dos professores. **2**

Fundamentação teórica

A formação docente e a alfabetização são amplamente discutidas por teóricos como Paulo Freire e Magda Soares, que destacam a complexidade do processo, indo além da decodificação de símbolos para envolver compreensão e interação significativa com a língua escrita. Assim, a formação de professores deve articular teoria e prática, preparando-os para os desafios da sala de aula.

Nota-se que os debates sobre a preparação dos alfabetizadores enfatizam a necessidade de práticas fundamentadas no letramento, garantindo uma abordagem integrada (Cartaxo; Smaniotto; Fontana, 2020). Nesse aspecto, Soares (2004) diferencia alfabetização e letramento, destacando sua interdependência. Já Rojo (2009) define a alfabetização como o ensino da leitura e escrita, enquanto o letramento refere-se à participação ativa nas práticas sociais mediadas pela escrita. Nessa perspectiva, Soares (1998, p. 72) afirma que letramento é o "conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social".



Pimenta et al. (2020) ressaltam que na formação inicial do alfabetizador, é importante considerar essa complexidade, articulando conhecimentos de diversas áreas para uma base teórica sólida e interdisciplinar. Para Cartaxo, Smaniotto e Fontana (2020), essa formação, sob uma perspectiva sócio-histórica, deve abranger as esferas profissional, política e epistemológica, promovendo uma práxis educativa emancipadora. Em adição a isso, Nörnberg et al. (2019) reforçam que ensinar exige domínio do conhecimento científico e filosófico vinculado à prática pedagógica como processo social intencional e transformador.

Na formação continuada, os desafios são diversos, mas a atualização constante qualifica a docência. Nóvoa (2000, p. 23) destaca que "o aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como o lugar de crescimento profissional permanente". Imbernón (2010) corrobora, defendendo que a formação continuada deve articular teoria e prática para impactar efetivamente o trabalho docente e a aprendizagem dos alunos.

Além da formação, as políticas públicas desempenham papel fundamental. Machado et al. (2023, p. 6) afirmam que “a formação inicial e continuada precisam dar conta dos conhecimentos que deve constituir o perfil do profissional alfabetizador”. Nesse sentido, Mazzeu (2009) argumenta que reformas educacionais na formação docente refletem a reorganização política e econômica do Estado. Por esse ângulo, Borges et al. (2011) observam que essas reformas buscam adequar a educação às novas diretrizes estatais e aos padrões produtivos do capitalismo.

Entretanto, a alfabetização deve ser concebida como instrumento de transformação social. Freire (1985) defende que “a alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos. [...] A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra” (p. 14). Assim, o processo deve promover a emancipação dos sujeitos e a construção de uma consciência crítica. Complementando essa ideia, Saviani (1999) explica que “o domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas”, destacando a importância do acesso ao conhecimento para o exercício da cidadania.

Dessa forma, a formação de professores deve garantir não apenas a alfabetização técnica, mas também o desenvolvimento de cidadãos críticos, capazes de articular



reflexão e ação, transformando sua realidade.

3 Metodologia

Adotou-se abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2001) é adequada para o estudo de fenômenos sociais, pois considera os significados, valores e intenções que orientam as ações humanas, possibilitando uma leitura mais profunda da realidade. Sendo bibliográfica, a busca pelo suporte teórico foi realizada em bases de dados *online* e em materiais impressos disponíveis em acervos acadêmicos. Priorizou-se produções científicas atualizadas e relevantes para o campo da Educação.

4 Resultados e Discussão

A ação de ensinar, especialmente no que concerne à alfabetização, demanda do professor uma sólida formação que articule ensino, pesquisa e extensão, visando à construção da profissionalidade docente e da autonomia (Pagnan, 2016). A formação inicial configura-se como o espaço privilegiado para que os futuros professores tenham acesso ao conhecimento sistematizado sobre o trabalho docente, aprendam a ensinar e construam conhecimentos pedagógicos especializados (Fontoura, 2019).

Ainda, como infere Fontoura (2019), na fase inicial profissional é fundamental assimilar princípios e regras práticas que nortearão a atuação em sala de aula. No entanto, essa formação não pode se restringir à mera transmissão de conteúdos, mas deve estimular a reflexão sobre a educação e a realidade social, incitar a necessidade de atualização permanente e conceber o conhecimento como algo dinâmico e passível de questionamento.

Nesse sentido, a formação continuada emerge como um processo essencial para o desenvolvimento profissional docente ao longo da carreira (Machado et al., 2023). Diante das constantes mudanças no campo educacional e das novas exigências da sociedade do conhecimento, a busca contínua por aperfeiçoamento, inovações e atualização torna-se imprescindível para a melhoria das práticas pedagógicas no processo de alfabetização (Alvorado-Prada et al., 2010). Nessa situação, a formação continuada deve partir do reconhecimento da “condição de inacabamento do ser humano e a consciência desse



inacabamento” (Freire, 1996, p.40), impulsionando o professor a reconfigurar seus conhecimentos históricos e incorporar novas experiências e paradigmas.

Quanto aos desafios que permeiam a formação inicial de professores alfabetizadores no Brasil, uma das problemáticas apontadas por Bunzen e Pessoa (2020) reside na dicotomia entre teoria e prática, com a teoria sendo frequentemente vista como um corpo de conhecimentos estanques e dicotômicos em relação à prática pedagógica. Segundo os autores, essa visão pode levar a uma formação superficial, que não prepara adequadamente o futuro professor para lidar com as complexidades do cotidiano escolar. Esses autores indicam que a falta de diálogo entre componentes curriculares pode resultar em um profissional com lacunas formativas, seja no domínio do objeto de ensino ou nas estratégias didáticas para promover a aprendizagem dos alunos.

De acordo com Santos e Silva (2020), a formação inicial deve favorecer a inserção no universo da cultura escrita, preparando para atender às novas exigências da linguagem escrita. No entanto, pesquisas apontam que muitos licenciandos vivenciaram uma história de letramento distinta da idealizada pela instituição escolar, apresentando dificuldades em escrever com fluência e compreender textos. Para Santos e Silva (2020), essa precariedade na relação dos futuros professores com a escrita representa um desafio relevante para sua atuação como mediadores do letramento de seus alunos.

Apesar dos desafios, a formação inicial de professores alfabetizadores também oferece possibilidades de aprimoramento. Projetos como o “Laboratório de Alfabetização”, vinculado à Universidade de Santa Maria - UFSM, demonstram o potencial da interação entre professores e alunos da escola pública com acadêmicos dos cursos de Pedagogia e Educação Especial para favorecer a reflexão sobre a prática pedagógica e mobilizar diferentes saberes docentes, como mencionam Bunzen e Pessoa (2020). Essa articulação entre universidade e escola básica pode contribuir para uma formação mais contextualizada e alinhada com as necessidades do trabalho em sala de aula.

Para Fontoura (2019), quando há foco no fazer docente como eixo das discussões, aliado a metodologias ativas como estudo de caso, análise de narrativas e discussão de materiais didáticos, busca-se aproximar o futuro professor das situações que enfrentará em seu cotidiano, incentivando a mobilização e a integração de diferentes saberes. No que concerne à formação continuada de professores alfabetizadores, nota-se que também



há desafios significativos. Antunes (2001) aponta que propostas de formação que desconsideram a memória docente podem produzir ações sem significado para os professores, dificultando a articulação dos conhecimentos transmitidos com sua prática em sala de aula. O distanciamento entre saberes docentes construídos na experiência e conhecimentos veiculados nos cursos de formação pode gerar um caráter de exterioridade, como proposto por Tardif (2012).

Exemplo disso é a pesquisa de Blanco et al. (2019), que identificou dificuldades de alfabetizadores no norte do Paraná quanto ao uso de métodos e à compreensão das dificuldades dos alunos, apontando lacunas na formação inicial e continuada. Porém, a Formação Continuada de Professores Alfabetizadores, quando bem planejada e implementada, oferece inúmeras possibilidades para o desenvolvimento profissional docente. A participação no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), como relatado por Ferreira (2020) e Caetano (2020), demonstra o potencial de programas de formação continuada para promover a reflexão sobre a prática pedagógica, a troca de experiências entre professores e a incorporação de novas perspectivas teóricas e metodológicas. Há evidências de que a formação continuada pode incentivar a reflexão sobre os direitos de aprendizagem, a articulação entre alfabetização e letramento e a parceria entre família e escola (Ferreira, 2020; Cruz, 2020).

Pela análise, a valorização da dimensão instrumental e técnica da formação continuada, aliada à reflexão sobre os saberes docentes, pode levar à ressignificação do trabalho educacional e à superação do fracasso escolar. O incentivo à formação de professores reflexivos, capazes de analisar suas próprias práticas e construir novos saberes a partir de suas experiências, é uma possibilidade fundamental da formação continuada (Ferreira, 2020; Antunes, 2001; Tardif, 2002).

A pesquisa de Pagnan (2016) ressalta a importância de a formação de alfabetizadores abordar a alfabetização de forma ampla, indo além da mera codificação e decodificação. A autora destaca que compreender a alfabetização como capacidade de interpretar, criticar e produzir conhecimento deve ser um foco da formação continuada, visando a um ensino de qualidade que promova a real aprendizagem dos educandos. Na formação de professores, a articulação entre teoria e prática tem destaque. A superação dessa dicotomia na formação de alfabetizadores é essencial para seu desenvolvimento profissional.



A formação inicial deve proporcionar imersão na realidade escolar, por meio de estágios supervisionados e projetos de extensão (Fontoura, 2019). Essa aproximação permite que futuros professores articulem conhecimentos teóricos com desafios da prática pedagógica. Da mesma forma, a formação continuada deve valorizar os saberes experienciais, utilizando-os como ponto de partida para reflexão e construção de novos conhecimentos. Segundo Fontoura (2019), a análise de narrativas de práticas pedagógicas, a discussão de casos concretos e a troca de experiências entre pares enriquecem o processo formativo e promovem a ressignificação das práticas docentes.

Fontoura (2019) explicita que a pesquisa sobre a própria prática pedagógica, incentivada tanto na formação inicial (pela iniciação científica e pelo TCC) quanto na formação continuada (por grupos de estudo e reflexão sobre a ação docente), configura-se como um potente mecanismo de articulação entre teoria e prática. Ao investigar suas próprias ações, os professores podem identificar problemas, buscar referenciais teóricos e propor intervenções mais eficazes.

Portanto, uma formação inicial e continuada de qualidade impacta diretamente o processo de alfabetização. Professores bem formados possuem maior domínio do objeto de ensino, identificam hipóteses dos alunos sobre a escrita e planejam intervenções didáticas adequadas (Bunzen; Pessoa, 2020). A articulação entre alfabetização e letramento é essencial para desenvolver práticas pedagógicas que ultrapassem a decodificação, inserindo os alunos nas práticas sociais de leitura e escrita. Professores com formação sólida reconhecem e lidam melhor com dificuldades de aprendizagem, adaptando métodos e estratégias pedagógicas às necessidades de cada aluno, promovendo uma alfabetização inclusiva e eficaz.

5 Considerações Finais

A análise da formação inicial e continuada de professores para a alfabetização no Brasil evidencia sua centralidade na qualidade da educação. A articulação entre alfabetização e letramento, a reflexão crítica e a valorização da experiência docente são essenciais para a prática pedagógica. No entanto, persistem desafios, como a



fragmentação e a descontextualização dos modelos formativos, que enfraquecem a conexão entre teoria e prática.

O fortalecimento da formação inicial passa pela interação entre universidade e escola, pelo incentivo à pesquisa da prática e pelo uso de metodologias ativas, como as sequências didáticas. Na formação continuada, programas como o PNAIC destacam a importância da memória docente e da troca de experiências. Investimentos estruturados e políticas que reconheçam a complexidade do trabalho pedagógico são fundamentais para uma alfabetização efetiva e inclusiva.

Apesar dos avanços, lacunas persistem, sobretudo na articulação entre formação e prática. A busca contínua pelo aperfeiçoamento profissional, impulsionada pela reflexão crítica, é essencial para superar desafios e promover uma educação equitativa. Pesquisas futuras podem aprofundar aspectos específicos da formação docente, contribuindo para um ensino de qualidade e garantindo o direito à alfabetização e ao desenvolvimento pleno das habilidades de leitura e escrita.

Referências

ALVARADO-PRADA, L. E; FREITAS. T. C; FREITAS, C. A. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. **Rev. Diálogo Educ., Curitiba**, v. 10, n. 30, p. 367-387, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2464/2368>. Acesso em: 03 abr. 2025.

ANTUNES, H. S. **Ser aluna, ser professora: uma aproximação das significações sociais instituídas e instituintes construídas ao longo dos ciclos de vida pessoal e profissional**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

BLANCO, Marília Bazan; ARAÚJO, Roberta Negrão de.; DALLA COSTA, Isabelle Maichaki; BORDINI, Letícia Cacciolari; GENNARI, Ana Paula Gonçalves Arantes. Os Desafios do Processo de Alfabetização: A Percepção dos Professores Alfabetizadores. **ENSINARE - Revista eletrônica Departamento de Gestão, Planejamento e Ensino / UNINCOR**, v. 1, n. 1, jul. – dez. 2019. P. 1-19.

BORGES, M. C.; AQUINO, O. F.; PUENTES, R. V. Formação de Professores no Brasil: história, políticas e perspectivas. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.42, p.94-112, jun 2011. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/histedbr/article/view/3301> Acesso em: 02 abr. 2025.

BUNZEN, Clecio; PESSOA, Ana Cláudia R. Gonçalves (Orgs.). **Formação e saberes**



docentes: desafios para (re) pensar a prática pedagógica [recurso eletrônico]. Recife : Ed. UFPE, 2020.

CAETANO, Lurdeane de Sobral Silva. Formação de alfabetizadores: da conquista ao progresso, fazendo a diferença no município de Capoeiras. In: BUNZEN, Clecio; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves (Org.). **Formação e Saberes Docentes: desafios para (re) pensar a prática pedagógica**. Recife: EDUFPE. p. 233-242.

CARTAXO, Simone R. M.; SMANIOTTO, Giselle C.; FONTANA, Maria I.. As facetas da alfabetização nos cursos de pedagogia: desafios para a formação do professor. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 1126-1147, set./dez. 2020. ISSN 1645-1384 (online) www.curriculosemfronteiras.org/v20n3/1126-1147-Cartaxo-Smaniotto-Fontana.pdf . <http://dx.doi.org/10.35786/1645-1384.v20.n3.25>. Acesso em: 02 abr. 2025.

CRUZ, Shirleide Pereira da Silva. Formação e atuação docente no contexto da EJA: implicações para a alfabetização de jovens e adultos. Pp. 92-122. In: BUNZEN, Clecio; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves (Org.). **Formação e Saberes Docentes: desafios para (re) pensar a prática pedagógica**. Recife: EDUFPE, . p. 221- 232.

FERREIRA, Adriana Fernandes. Pactuando experiências no ciclo de alfabetização: relato de experiência de formação. In: BUNZEN, Clecio; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves (Org.). **Formação e Saberes Docentes: desafios para (re) pensar a prática pedagógica**. Recife: EDUFPE, . p. 221- 232.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, P.. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

FONTOURA, H. A. Desafios da formação docente: o curso de pedagogia da Faculdade de Formação de Professores. FFP/UERJ, p. 57-70, **Form. Doc.**, Belo Horizonte, v. 11, n. 21, p. 57-70, mai./ago. 2019.

DOI: <https://10.31639/rbfp.v%vi%i.229>. Disponível em: <http://www.revformacaodocente.com.br/http://www.revformacaodocente.com.br> . Acesso em: 03 abr. 2025.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MACHADO, Yzynyia Silva Rezende; LIMA, Eciône Félix de; DIAS, Katia Jeanne Teixeira. Formação Inicial de Professores: Uma Reflexão Sobre as Especificidades, Desafios e Possibilidades na Alfabetização de Crianças, 13 p. IX Congresso Nacional de Educação: Educação para a sociedade: Ciência, Tecnologia e Sustentabilidade. **Anais... CONEDU**, 2023. ISSN: 2358-8829, João Pessoa-PB, 2023.

MAZZEU, L. T. B. A política de Formação docente no Brasil: fundamentos teóricos e metodológicos. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, 2009.



MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

NÖRNBERG, Marta; JÄGER, Josiane Jarline; SOUTO, Luiza Kerstner. Concepções e princípios para o planejamento do ensino: a perspectiva de professoras orientadoras de estudo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 1, p. 335-357, 2019. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss1articles/nornberg-jager-souto.html>. Acesso em: 01 abr. 2025.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. 2a ed. Porto: Porto Editora, 2000.

PAGNAN, Katiane Beatriz da Silva. Alfabetização e Formação do Professor no Brasil. **Revista Iniciação & Formação Docente**. Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior. v. 2 n. 1, Julho/2015 – Janeiro/2016

PIMENTA, Selma Garrido; PINTO, Umberto de Andrade; SEVERO, José L.R. de L. A Pedagogia como locus de formação profissional de educadores(as): desafios epistemológicos e curriculares. **Revista Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15528>. Acesso: 01 abr. 2025.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Ana Paula Berford Leão dos; SILVA, Maria Emília Lins e. As Práticas de Escrita no Cotidiano da Formação Inicial do Professor. pp. 68-91. In: BUNZEN, Clecio; PESSOA, Ana Cláudia R. Gonçalves (Orgs.). **Formação e saberes docentes: desafios para (re) pensar a prática pedagógica** [recurso eletrônico], Recife: Ed. UFPE, 2020.

SAVIANI, D..**Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados,1999.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.25, p.5-17, jan./abr. 2004.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

